

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SEculo

N.º 697

O bicho mau

POR LEONOR DE CAMPOS



— **J**OÃO Manuel : Tu, que tens bom coração e és muito, muito amigo da tua mãe-zinha, porque a fazes arrelhar tanta vez ?

— «Não sei, Tia Amélia.

É uma coisa que tenho cá dentro e me obriga a ser mau, mesmo que eu não queira. Quando me contrariam, sinto...»

— «Não digas mais. Sentes primeiro uma grande pancada no coração. Depois, sobe-te o sangue à cabeça. E logo em seguida apetece-te gritar, disparatar... e até bater. Não é assim ?»

João Manuel abriu muito os olhos, admirado e confirmou :

— «É, é. Mas como o sabe ?»

— «Tenho um dedo que adivinha...»

— «Ora, ora... Já não acredito em coisas dessas... Diga, Tia Amélia, há alguma doença assim? Como a Tia anda a estudar para médica... sim, deve saber...»

— «É verdade, João Manuel. Há assim uma doença. E faz-me pena que tenhas sido atacado...»

O rapazinho assustou-se :

— «Porquê? A doença é perigosa ?»

— «Muito !...»

— «E não tem cura ?»

— «Tem. Mas é preciso cuidado e uma forte dose de paciência !... Porisso me convenço de que nunca te curarás, meu querido !...»

— «Mas eu quero curar-me. Não quero ser doente.»

— «Pois sim. Mas olha que o bicho tem muita vida !...»

— «Bicho? Qual bicho ?»

— «O que lá tens dentro, que vive no teu coração e te causa a doença !»

— «Ai, querida Tia Amélia, que des-

graça !... Nunca julguei que tivesse cá dentro um bicho ! E o que me sucede se me não curar ?»

— «Olha, filho. Nem é bom falar nisso... O melhor é tu fazeres o possível por te curares depressa, para que o bicho não faça mais estragos do que os já produzidos !...»

— «Pois sim, Tia. Faça-me o favor, então, de passar a receita, que eu vou num salto aviá-la à farmácia. Um bicho !... Que horror !...»

— «Não é preciso. Como tenho de sair, trarel eu próprio o remédio...»

— «Mas pode demorar-se...»

— «Mau, mau. Nada de impaciências. Se não tiveres muita calma, o remédio será inútil e o bicho não morrerá...»

— «Então, prometo-lhe esperar com juízo...»

Tôda a tarde, fiel à sua promessa, João Manuel se conservou sossegado. Não bateu no irmão. Não puxou a

cauda ao gato. Não meteu sustos à cozinheira, quando esta ia arrumar os pratos, depois do almoço. (Porque, meus amiguinhos, triste é dizê-lo, mas... — o principal divertimento do João Manuel era assustar a cozinheira, quando a via carregada de pratos, ou surgindo, de repente, no corredor escuro ou dando um grito à Tarzan. Está claro que, no fim de contas, quem vinha a lucrar, era o dono do armazem de louças...)

Pois, nesse dia, o João Manuel, preocupado com a sua doença e a respectiva cura, deixou em paz a cozinheira.

A Tia voltou à tarde e trouxe-lhe



uma caixinha bonita. João Manuel abriu-a e viu lá dentro pequeninas hóstias.

— «Quando te lembrares de fazer qualquer maldade, daquelas que tu sabes irem afligir a tua Mãe, ou quando te contrariarem, antes que sintas a tal pancada no coração, corre a buscar a um copo de água e toma uma destas hóstias...» — disse a Tia.

João Manuel olhou-a, desconfiado:

— «Mas que tem o bicho com as minhas maldades?»

— «Essa agora?!... Que pergunta pateta!... Ora diz-me cá: Tu gostas de ver a tua Mãe aflita, com uma cara muito triste?»

— «Eu não...»

— «Então, porque fazes tu maldades?»

— «Não sei bem...»

— «Mas sei eu, meu querido. Tu não és culpado dessas maldades que praticas. Ele, esse bicho maldito, é que tem a culpa... Não te parece?»

— «Talvez, minha Tia. Deve ser isso mesmo...»

— «Depois de praticares um mau acto não sentes arrependimento?»

— «Sinto!»

— «É que, nessa altura, cansado do seu trabalho, o bicho adormeceu. E tu, livre dele, voltas a ser um excelente rapazinho, amigo da sua mãe e desejoso de a ver contente...»

— «Tem razão, Tia Amélia. Mas então, se o bicho é assim forte, há-de custar muito a morrer...»



— «Se tu quizeres, morrerá depressa...»

— «Oh, se quero!...»

— «Nesse caso, segue o meu conselho. E verás que, dentro em breve, o bicho terá desaparecido...»

João Manuel principiou o tratamento. Andava sempre munido da sua caixinha. E cada vez que lhe apetecia fazer disparates, ou que alguém se negava a fazer-lhe a vontade, êle corria a buscar água para tomar a

hóstia. Quando a caixinha estava quasi vazia, a Tia Amélia trazia-lhe nova dose.

E assim foram passando os meses. João Manuel tornara-se o modelo dos meninos educados. A Mãe andava sempre alegre. A cozinheira enchia-o de mimos. O irmãozito só se sentia bem quando estava junto dele. O Pai trazia-lhe presentes. E até o gato lhe dava marradinhas de amizade e se prestava a servir-lhe de escalfeta quando êle estava a estudar.

Até que um dia, mais de um ano depois de começar o tratamento, a Tia Amélia o considerou curado.

— «Morreu o bicho, João Manuel. E convengo-me de que não ressuscitará. Contudo, se alguma vez te sentires atacado, já sabes o remédio: toma uma hóstiazinha de miolo de pão...»

— «Miolo de pão?»

— «Sim, meu filho. Foi esse o remédio que tomaste...»

— «Ah! Agora compreendo tudo!... Porisso os Pais e a Tia riam tanto, quando eu corria a buscar a água...»

Sua grande marotinha, que me enganou!...»

— «E estás muito zangado comigo?»

— «Não, nada. Pelo contrário. Do coração lhe agradeço ter-me curado da rabinice... Porque — aqui para nós, que ninguém nos ouve — é mil vezes preferível ser bom, do que ser mau. Dantes todos embirravam comigo, e me escorraçavam. Agora, sou estimado e apaparicado e sinto-me o rapaz mais feliz do mundo inteiro!...»

O HOMEM DOS GATOS

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

SOB a minha janela, com dois pratos, um cabaz e uma alfofa, — quantas vezes por entre os desacatos e a mofa da garotada, passa, pachorrento, em passo lento, comedido, o senhor Matos, no bairro mais conhecido pelo «homem dos gatos».

Troçam-no todos porque o mundo é mau mas êle, indiferente, à mofa dos garotos e má gente, seguido pelos gatos: — «miáu, miáu...» lá vai distribuindo o carapáu e os restinhos de peixe, que transporta na alfofa e no cabaz, às oito da manhã e à hora morta em que cai sobre o mundo uma infinita paz.

Numa longa conversa amiga e dôce — (êle falando e os gatos dando mios como se cada bichaninho fôsse um ser humano e não entes vazios de raciocínio, d'alma e coração) — o «homem dos gatos» é, na realidade, um apóstolo dando uma lição de humanidade a toda a humanidade.

Construção para armar

A BALA DO DR. SABÃO

Em primeiro lugar, devem colar a fôlha, e ainda a parte que virá publicada no próximo número, em cartolina fraca. Devem, em seguida, recortar com cuidado todas as peças e armá-las, segundo o esquema e a numeração.

Depois cola-se a bala, a escada, o Dr. «Sabão», o «Papa-Tudo» e o «Passa-Fome» sobre um pedaço de cartão pintado de verde, que servirá de chão.

E pronto!

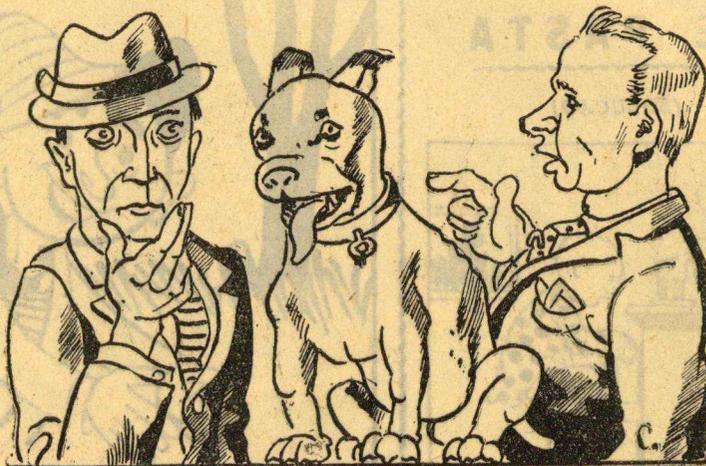
Aqui têm os leitores do «Pim-Pam-Pum» um «foguetão», com o qual podem fazer uma linda viagem... no quarto dos brinquedos.

Ah! Esquecia-me de lhes dizer que devem espetar um alfinete (E) na cúpula da bala.

«TÓTÓ»

o famoso cão de caça

Por ISABEL AREOSA



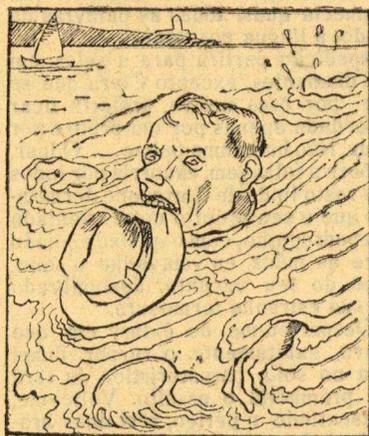
O Sr. Crispim não perdia as ilusões, quanto à inteligência do seu cão. Por toda a parte apregoava as habilidades do seu cachorrinho como sendo o animal mais sagaz do mundo,

Uma tarde lá andava ele passeando com o Tótó preso a uma corrente quando encontrou um amigo.

— «Olá, como vais tu?» — cumprimentou o Sr. Crispim.

— «Bem obrigado. Onde arranjuste esse pobre cão rafeiro?» — perguntou o amigo, reparando em Tótó.

— «Oh! Sabes lá a inteligência deste animal. Ele caça, ele pesca, ele salta barreiras, só lhe falta falar. Ele



não tem grande aspecto mas os cães não se apreciam pela beleza. Eu, pela minha parte, aprecio os cães pelo cérebro. E o cérebro deste cão, vale milhões.»

— «Então — interrogou o amigo — o animal fez alguma descoberta científica?»

— «Não faças troça — retorquiu escandalizado o sr. Crispim. Tótó até já apanhou o 1.º prémio num concurso de coelhos.»

— «Como?! Conquistaste fazer passar o teu cão por coelho?»

— «Não, homem. Tótó foi ao concurso de coelhos para ver. Compreendes, foi lá como espectador e apreciador. A certa altura, quando iam dar erva ao coelho que na exposição obteve o 1.º prémio, o coelho fugiu da gaiola pela porta entreaberta e Totó partiu no seu encalço e apanhou-o. Bem vês, meu caro amigo, apanhou o 1.º prémio num concurso de coelhos!»

— «Olhem que essa! — exclamava o amigo, escangalhando-se a rir. O teu Tótó tem pilhas de graça. E tu não tens menos que o teu Tótó!»

— «E' que tu, meu caro, não fazes idéa da habilidade deste animal. Nem parece um quadrúpede. Ora vem daí até à praia e vais ver a ligeireza com que ele vai buscar o que se atira ao mar.»

Estava bela a tarde e o amigo do sr. Crispim aceitou o convite e encaminharam-se os dois para a praia.

Chegados à beira-mar, o sr. Crispim tirou o seu chapéu e, ostentando-o com vaidade, observou:

— «E' um «flamont»; custou-me duzentos escudos. Para tu veres a confiança que deposito no meu cão, vou atirá-lo ao mar.»

E, num gesto largo, o sr. Crispim lançou o chapéu às ondas, gritando:

— «Agarra, Tótó!!!...»

Tótó ladrou qualquer coisa entre dentes que, na língua dos cães, devia querer dizer: — «vai tu, que eu não estou para isso.»

O sr. Crispim corou um pouco, mas, não desanimando, continuou a incitar o cão.

— «Agarra, Tótó... Apanha... apanha... All, olha, o meu chapéu...»

Tótó resmoneou qualquer coisa e, sem avançar um passo, sentou-se nas patas trazeiras, muito sossegadamente, a ver o chapéu fluctuando sobre as ondas que o iam levando para longe da praia.

O sr. Crispim empalideceu, e subitamente abraçou-se ao seu cão, tentando enternecê-lo:

— «Tótó, meu querido, minha vida, vai buscar o meu chapéu que me custou o meu rico dinheirinho...»

Tótó arreganhou os dentes com cara de poucos amigos e o sr. Crispim teve de retirar apressadamente os braços de envolta do seu cão, antes que este lhe ferasse uma dentada.

Um suor frio perlava a fronte do sr. Crispim. O seu chapéu, embalado pelas ondas, não era ao longe mais que um pontinho preto.

Então, sem perda de tempo, despiu o casaco, descalçou os sapatos e, atirando-se ao mar, o sr. Crispim foi, a nado, buscar o seu chapéu.

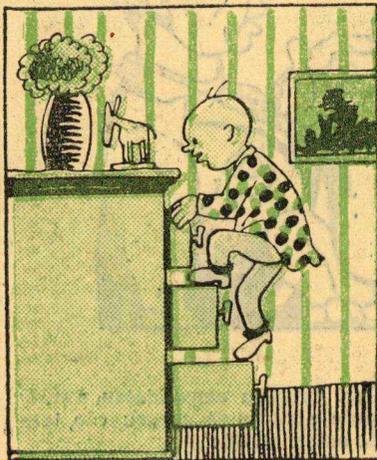
Quando o sr. Crispim regressou á praia, trazendo o seu próprio chapéu na bôca, Tótó recebeu-o com grandes latidos de alegria. O sr. Crispim fizera o papel do cão, indo a nado buscar o chapéu. Tótó, o famoso cão de caça, latindo alegremente, mostrava um certo regozijo de dono triunfante e orgulhoso.

F I M



O CAVALINHO UM DESENHO INCOMPLETO DE PASTA

(SOLUÇÃO)



O recurso do Chiquinho para poder alcançar o seu rico caválinho, consistia em transformar em degráu cada gaveta.

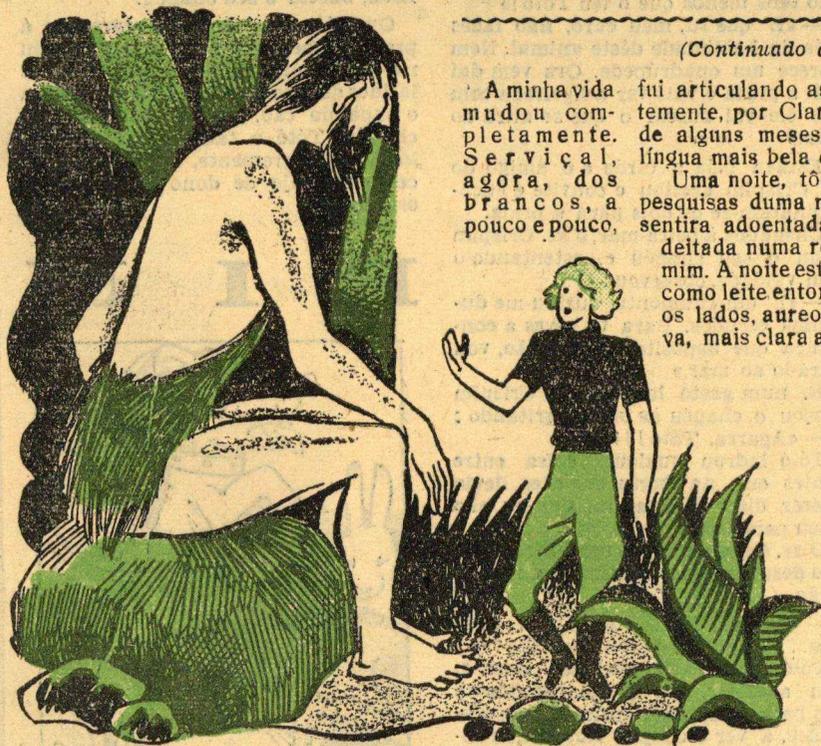
Na Vida há sempre maneira, como nesta historieta, de tudo se resolver. A questão é que se queira e que se saiba querer.



Este menino que estão vendo no desenho acima, tanto pode ser figurado a guiar um cavalo, como um burro, um barco ou um automóvel. Como o desenho está, propositadamente, incompleto, acabem-no os nossos pequeninos leitores que tenham habilidade para o desenho, como preferirem, pondo-o em qualquer destas situações.

MEMORIAS DO GIGANTE ARRANHA-CÉUS

(Continuado do número anterior)



A minha vida mudou completamente. Servical, agora, dos brancos, a pouco e pouco, fui articulando as palavras, ensinadas, aos serões, pacientemente, por Clara, que muito se divertia comigo. Ao fim de alguns meses já conhecia quasi tôdas as palavras da língua mais bela do mundo, a língua portuguesa.

Uma noite, tôda a expedição partira para a selva, em pesquisas duma mina de diamantes, excepto Clara que se sentira adoentada e que, por êsse motivo, preferiu ficar deitada numa rêde, guardada apenas por um prêto e por mim. A noite estava linda. Não bulia uma palma... O luar, como leite entornado sôbre a folhagem, escorria por todos os lados, aureolando o rosto lindo de Clara, que dormitava, mais clara ainda do que o seu próprio nome. Sentado num pedregulho, com o queixo apoiado entre as mãos, eu velava-lhe o sono, prêso do seu encanto, deslumbrado por sua estranha formosura.

Despertou-me do êxtasi em que estava, subitamente, o raspar duma unha no solo, característico da fera que premedita o assalto. Voltei-me, presentindo o perigo, e vi duas brasas luzindo entre as canas duns bambús que orlavam a clareira, onde fôra construída a palhoça. Era uma terrível pantera, acossada pela fome.

Caí, como um relâmpago, sôbre o corpo de Clara e, sem proferir palavra, num trágico silêncio, elevei-a nos meus braços possantes, passei com ela, veloz, pelo negro que, a pouca



distância, estava a rachar lenha, e, num rápido aceno, indiquei-lhe a pantera que avançava já direita a êle, não lhe dando tempo a defender-se com o machado. Sempre a olhar para trás, continuei correndo, até que, junto duma árvore que devia medir uns vinte metros de altura, subi ao mais alto tronco, transportando ao pescoço, como um colar precioso, o corpo lindo de Clara. Como um passarinho assustado, o seu coração batia descompassadamente. A fera, em baixo, uivava e rugia, a devorar com os olhos o apetecido manjar.

Nesta situação angustiada permanecemos longo tempo, até que, com alvoroçada alegria, divisámos, ao longe, entre acêsos archotes, a expedição que finalmente regressava à palhoça.

Os negros, que vinham na vanguarda, espiando o caminho, ao darem com a presença da pantera, recuaram, alarmados, e foram avisar os brancos, um dos quais, metendo a espingarda à cara, desfechou um tiro tão certo que a pantera tombou mortalmente ferida. Ao depararem o cadáver do pobre preto que fôra vítima da fera, correram à palhoça e, desvairados, percorreram as imediações à procura de Clara que, do cimo da árvore, em meu regaço, gritou rindo: — *hi-já!*... como se estivesse brincando às escondidas. Descemos e, entre efusões de alegria, Clara convidou todo o grupo a abraçar-me, declarando-lhe que me devia a vida.

(Continua no próximo número)

O SOL E A ROSA

QUANDO o sol se levantou, trombudo, mal humorado, a vista à Terra deitou e ficou maravilhado!

E o que veria êle, então, para o bem dispor assim?... Uma rosa inda em botão que havia em certo jardim.

Foi logo chamar o Vento e disse-lhe: — «Nem mais pio!» Êste ficou muito atento e na rosa não buliu.

Disse à Geada também: — «Tu, às vezes, és ruim...



POR
LAURA CHAVES

Vê lá se m'a tratas bem
que eu nunca vi rosa assim!»

E à Chuva disse: — «Olha que eu,
como já sei que és maldosa,
ponho-te fóra do Céu,
se me desfolhas a Rosa!»

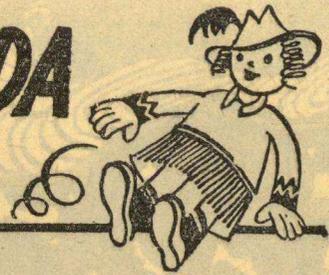
Depois, ao Granizo, disse:
— «O menino, tem cautela!
Tu não me faças tolice
e não me dês cabo dela!»

Era linda, na verdade,
a Rosa, pois parecia
que espalhava claridade
em cada fôlha que abria.

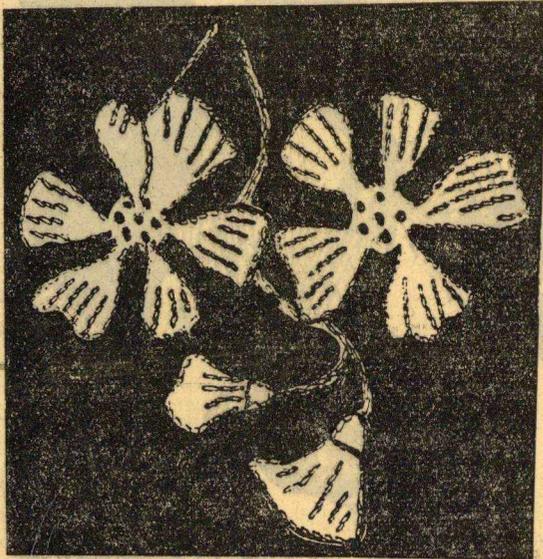
(Continua na página seguinte)



O CESTINHO DA COSTURA

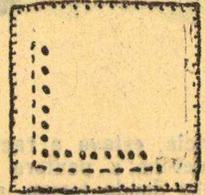


SECÇÃO PARA MENINAS por ABELHA-MESTRA



UM LENCINHO

Um picot à volta, um canto de pontos passados, muito miudinhos, um canto de nósinhos e aqui têm vocês um lençinho de cambrala que é um mimo.



FLORES MODERNAS

O tempo vai de grande trabalho por causa da bela época de verão que se aproxima. Quer para o campo, quer para a praia ou mesmo cidade, quantos fatinhos, para vocês, não há a fazer e arranjar!

Pois as minhas queridas abelhinhas podem muito bem ajudar a vossas mães, bordando alguns dos fatos que fizerem para vocês e manos mais novos. Essas flôres de discreta elegância, poderão ser aplicadas com o maior sucesso. São inteiramente bordadas a ponto pé de flôr. A côr será ao vosso gôsto.

Meio reclinada na haste que a amparava com ternura, tinha as fôlhas como engaste a realçar-lhe a frescura.

Sentiu-se a Rosa adorada, por tudo e todos eleita,

e julgou-se destinada a uma ventura perfeita.

Certo dia ela sentiu que mão profana a tocara... E tremeu num arrepio... A sua sorte findara!

ANEDOTAS INFANTIS



ENTRE DOIS BEBADOS

— «Ó homem! Parece que estás atrapalhado!»

— «Pudera! Calcula tu que não há

meio de me lembrar do que me disse minha mulher. Se disse para eu beber uma garrafa de vinho e regressar a casa às cinco horas ou se bebesse cinco garrafas e fôsse para casa à uma?»



E nesse mesmo momento uns dedos maus a colheram... — «O' Sol, ó Geada, ó Vento.» porque não a defenderam?

Gente feliz: tomai tino! Não vos julgueis vitoriosa! Não vá a mão do Destino dar-vos a sorte da rosa!

CONSPIRAÇÃO de FORMIGAS

por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA



O carvalho maior da estrada, existia um formigueiro.

As senhoras formigas, de manhã e à noite, em constante lida, iam enchendo o seu celeiro.

Para isso lhes valia a

eira do Tomé, que ficava, vizinha.

Bem provida de trigo graúdo, era um manancial para as formiguinhas.

Ora, aconteceu, certa manhã, um grande aguaceiro encharcar o terreno.

A água infiltrou-se por ali dentro e, vai senão quando, os grãozinhos ficaram todos empapados.

Assim que o sol tornou a aparecer, as infatigáveis senhoras formigas trataram de os acarretar para cima, na esperança que, com aquele calor, eles secassem.

A tardinha, tornariam a arrumá-los dentro do celeiro.

Muito lèpidas, foram tratar da vida, que o outono estava a chegar.

Na eira ainda havia trigo e na adega uma data de grainha de uva que lhes fazia muito arranjo para o inverno.

dum pardalico, salta aqui, pouisa ali, vir ainda depenicar no terreno, na idéa de lá encontrar mais algum grão.

De cima do carvalho a cantoria redobrou, chamando aquele desgarrado:

— «Chrriu! Chrriu! Venha para a árvore, menino! Isso já deu o que tinha a dar! São horas de recolher!» — dizia-lhe a mãe pardaloca que, de papinho cheio, saltitava de ramo em ramo.

O resto da pardalada, satisfeita com a bela ceia que encontrara, mesmo à beirinha da sua árvore, chilreava contente:

— «De belos grãozinhos estão cheios nossos papinhos...»

Furibundas, as senhoras formigas assistiam à cantilena de acções de graça dos atrevidos pardais que, ainda por cima, pareciam troçar, em gargalhadinhas, das tansas que tanto haviam trabalhado para sustento de tais mafarricos.

Então, com as antenas, comunicando umas com as outras, as formigas conspiraram a forma de se vingar.

Na árvore, habitada pelos pardais, o silêncio fizera-se.

Tôda a passarada, depois das desordens costumadas para a escolha do



desaustinado, coçava as asas, num frenesi.

Na escuridão da noite, tateando, estremunhados, caíam uns sobre os outros, numa barafunda, agitada e febril.

Tôda a noite, os outros bichos do campo ouviram aquele restolhar contínuo das folhas do carvalho, os pios aflitivos dos pardais, sem nada compreender do que se passava.

De madrugada, os ninhos com a fúria dos encontrões, haviam caído da árvore e no chão jaziam meninos pardais já mortos e outros estrebuchando na agonia.

Em revoadas, o resto da pardalada debandou, em busca doutro poiso, onde pudesse descansar, pois que o carvalho onde moravam tinha sido atacado por um exército de formigas que, como fitas pretas, lhe cobriam o tronco, ramos e folhagem.

Desta maneira, as senhoras formigas se vingaram, ferozmente, dos atrevidos pardais que, vorazes, lhes haviam comido os grãozinhos do seu formigueiro.

Temas à prova Premiados com manção honrosa

Jorge Manuel de Sousa Goulão Pestana Bastos, de Arraiolos.

Maria José Costa Eaptista, de Alenquer.

Fernando Mira de Sousa Salgado, de Lisboa.

Maria Eugénia da Fonseca Lara, de Lisboa.

Otilia Mendes Ferreira, do Porto.

Clementina Rola, de Faro.

Fernando Pereira Marta, da Figueira da Foz.

Ricardina Salgado, de Lisboa.

Odetta Lima de Sousa, de Lisboa.

Marcolino Taveira, do Porto.

Marciana de Sousa Reis, de Lisboa.

Lavinia da Conceição Rosa, Figueira da Foz.



Mas quando voltaram, — já o sol descia — não viram um único grãozinho, de tantos que, de manhã, tinham ali pôsto a secar.

Desiludidas, intrigadas, as senhoras formigas falaram, barafustaram, culpando o bezouro da horta ou a borboleta azul que, num vai-vém constante, esvoaçava por aqueles sítios.

O gafanhoto Saltarelho tirou-as do seu erro.

Tais bichos não eram dados àqueles manjares... Só sucos de plantas ou de flores lhes entravam no bucho.

Foi então que viram o demonico

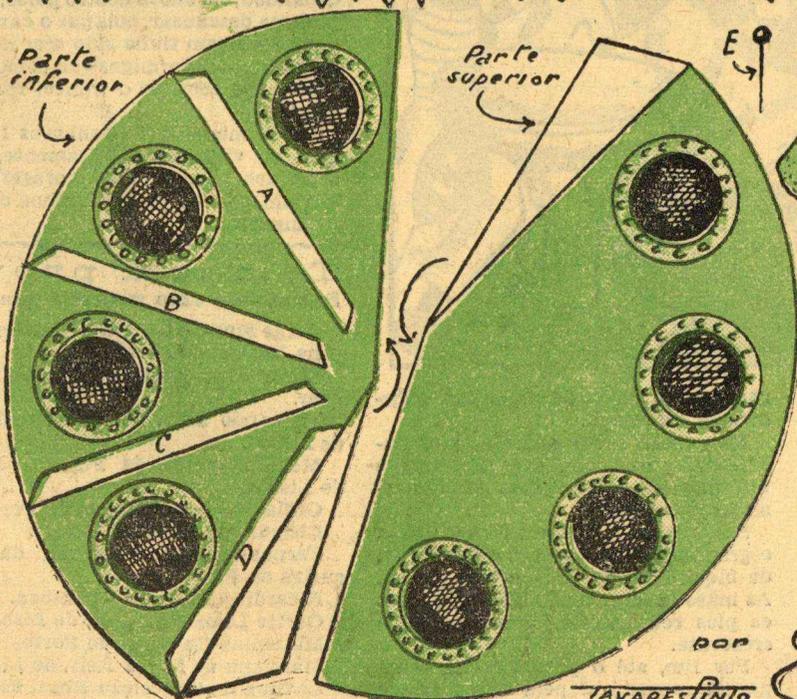
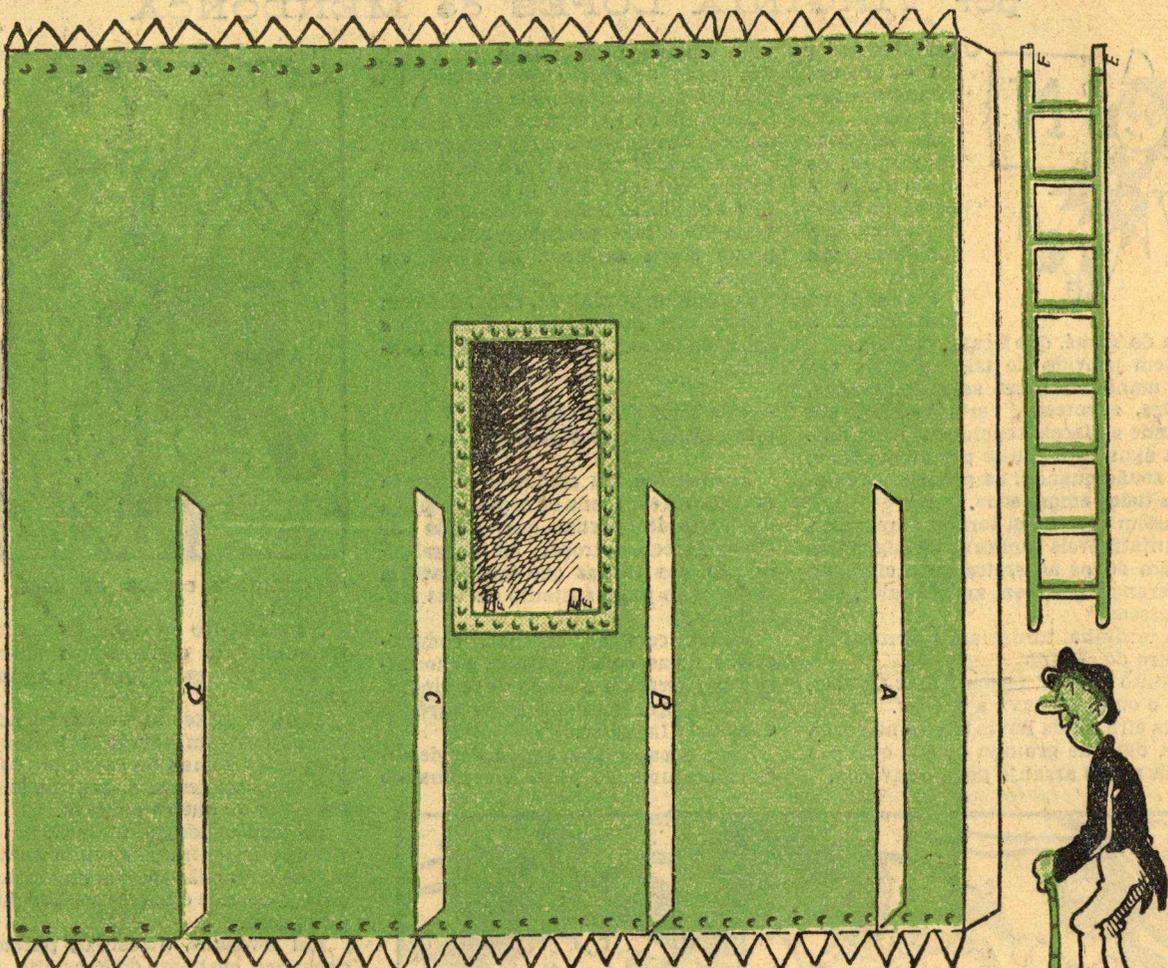
ramo onde havia de pernoitar, adormecera sossegada.

Mas, pela noite adiante, pios inquietos se ouviram, asas bateram e um movimento desusado fez estremecer a folhagem.

Dos ninhos saíram as cabecinhas esgrouviadas dos meninos pardais que, de biquinhos abertos, piavam aflitos. As mães procuravam aquietá-los, mas os pios redobravam, numa agitação crescente.

Por fim, até o pardal maior — um pardal respeitável pela sua idade e saber, — saiu do seu sério e, piando,

A bala do dr. Sabão



por TAVARES JUNIO

Esquema